

O silêncio que fala: impactos da timidez no processo educativo

RESUMO

O trabalho objetiva refletir sobre a timidez como característica de personalidade e seus impactos no processo educativo. Baseado na pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Cunha (2022), apresenta relatos de experiências pessoais de duas pedagogas, que se consideram tímidas, com narrativas e percepções sobre a vida escolar, processos interativos de desenvolvimento e de aprendizagem afetivos e estigmas instituídos na sala de aula e no cotidiano com seus pares e docentes. Busca-se, com a perspectiva metodológica autobiográfica e biográfica, analisar práticas e pedagogias facilitadoras nas atividades educativas e recreativas da escola. Os resultados apontam para algumas metodologias e contribuições nos processos subjetivos interativos com alunas tímidas na escola, mediadas por docentes. Ressalta, entretanto, a impossibilidade na padronização de práticas/metodologias como eficazes para utilizar com alunos/crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Timidez. Processo Educativo. Práticas/metodologias interativas.

Mayara Marmelo da Cunha

mayaracunha@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0002-2399-3397>

Universidade Federal Fluminense -
UFF, Santo Antônio de Pádua, Rio de
Janeiro-RJ, Brasil

Virginia Georg Schindhelm

viriniags@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0002-7259-9169>

Universidade Federal Fluminense -
UFF, Santo Antônio de Pádua, Rio de
Janeiro-RJ, Brasil

Leidiane Gomes Machado

leidianegomes@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0001-8139-2496>

Universidade Federal Fluminense -
UFF, Santo Antônio de Pádua, Rio de
Janeiro-RJ, Brasil

INTRODUÇÃO

A timidez como um traço de personalidade humana, que se manifesta por sintomas somáticos, cognitivos e comportamentais não deve ser considerada uma patologia (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Seus efeitos se manifestam em diferentes contextos, especialmente na escola, quando a criança apresenta dificuldades para se comunicar e se expressar, por se sentir intimidada, em determinadas situações, nas quais se encontra em exposição.

Uma grande dificuldade para pessoas tímidas é falar em público, porque elas se sentem amedrontadas e sujeitas às críticas de outros e, por isso, tendem a apresentar sintomas somáticos, associados à ansiedade e a sentimentos de medo, pavor, dentre outros. Esses sintomas cognitivos costumam estar relacionados com a antecipação da avaliação negativa pelo outro em situações sociais e, diante disso, costumam apresentar comportamentos de inibição, retraimento e evitamento de situações sociais, dentre elas as apresentações em público.

O medo, enquanto emoção adaptativa, costuma estar ligado a qualquer situação específica e pode ajudar a defender alguém de ocorrências perigosas. No entanto, pode se tornar desorganizador na vida de uma pessoa tímida, porque, embora considerado ilógico tanto pela própria, como pelos outros, tem como particularidade não poder ser apaziguado por um simples pensamento e raciocínio.

Nesta pesquisa, compreende-se a timidez como uma característica de natureza humana, pois, como não se trata de uma doença, não se espera curar ou mesmo superar. Assim, entende-se como sendo importante estimular, ou mesmo ajudar, uma criança a encontrar e desenvolver maneiras próprias de lidar com a sua timidez e seu comportamento diante dos diferentes momentos sociais, entre familiares, públicos ou em pequenos grupos.

É relevante também destacar que o desconforto somático vivido pela criança tímida em situações sociais tem um papel decisivo na sua autoimagem, na medida em que pode se subjugar e se desqualificar frente aos outros com sentimentos de desvalia, além de conviver com a tristeza, raiva e solidão.

A timidez, em suas especificidades, sobre comportamentos, relações, sentimentos, sensações, emoções, percepções de si, dentre outras, é um tema estudado e pesquisado pela psicologia. Logo, não é um assunto costumeiramente inserido nos campos de interesse investigativos da educação. No entanto, este trabalho está inserido na área da psicologia da educação, pelo fato de a timidez e suas influências em processos de desenvolvimento e de aprendizagem de educandos promoverem discussões pertinentes a esta área do conhecimento em cursos de pedagogia.

Neste sentido, este artigo ora apresentado é um recorte da pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Pedagogia, na Universidade Federal Fluminense (UFF), buscou conhecer metodologias de ensino/aprendizagem que possam colaborar com alunos/crianças para lidar com a timidez no processo educativo e interativo na escola.

Os relatos autobiográficos apresentados, juntamente com o embasamento teórico de autores da temática, ajudaram a tecer uma análise entre as narrativas e possíveis dispositivos pedagógicos, fundamentais na sala de aula para auxiliar alunos(as) a lidar com a timidez, como: um olhar sensível, uma

escuta atenta e a observação para conhecer e perceber singularidades presentes no espaço escolar.

Sendo assim, o artigo discorre sobre a timidez no cotidiano e contexto escolar e suas nuances no comportamento das meninas/alunas, sujeitos das narrativas, que contam suas experiências subjetivas, e como vivenciaram a timidez em suas interações no decorrer de suas trajetórias como estudantes.

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

O motivo e a vontade de discutir a timidez na escola não surgiu por acaso. Acreditando que a escola, além da família, é um ambiente de fundamental importância para a aquisição de habilidades sociais (Moreno; Cubero, 1995), este tema revelou-se interessante para ser estudado a partir de experiências pessoais, que serão relatadas no decorrer do trabalho.

De acordo com Bolsoni-Silva (2002), não há consenso quanto à definição de habilidades sociais (HS), porém, o termo geralmente é usado para designar um conjunto de capacidades comportamentais aprendidas, que envolvem interações sociais. Já Del Prette e Del Prette (1996, p. 240) descrevem as HS como “[...] classes de comportamentos que ocorrem em situações interpessoais e associam a elas a avaliação do desempenho em tais situações [...]”.

Assim, neste estudo, busca-se refletir sobre um incômodo observado em contextos sociais, dentre eles, as escolas, que consideram alguns estudantes como sendo “alunos-problema”, também estigmatizados como bagunceiros, falantes e inquietos e, por isso, incomodam e despertam a atenção de educadores e outros profissionais da escola.

No entanto, quando se trata de uma criança quieta, ou seja, que não se expressa muito ou que não se sente confortável para fazer isso, pode ser considerada pelos mesmos profissionais como sendo “normal”. Não só essa atitude passiva de alunos tímidos é aceita, sem nenhum questionamento, como também é incentivada, muitas vezes, com elogios e premiações pelo “bom comportamento”.

Motta Filho (1969 *apud* VIEIRA, 2000, p. 35) defende que:

[...] nem todos os seres humanos são tímidos, porém afirma que não exista quem nunca tenha vivenciado momentos de timidez. Dos indivíduos que sofrem da timidez, acredita o autor, grande parte sequer tem conhecimento a este respeito, e que regridem à infância no que se refere ao seu comportamento. A timidez é como um escudo para situações em que o indivíduo teme ser diminuído e desconsiderado, afirma também, que a timidez não deve ser encarada enquanto um estado permanente e constante, no entanto e por outro lado, é muitas vezes inesperado.

A criança tímida convive cotidianamente com a fuga ou evitação de contatos sociais em situações interpessoais, além do sofrimento pelo medo de se arriscar e de falar em público, devido à inibição e o retraimento social diante dos outros sujeitos, mesmo em contextos conhecidos, onde já está inserida.

A timidez se expressa, visivelmente, pelos comportamentos das crianças, percebidos como ansiedade, capaz de gerar reações orgânicas, que podem variar em seus aspectos fisiológicos, tais como: rubor facial, boca seca tensão muscular,

dor de cabeça, transpiração excessiva, aumento dos batimentos cardíacos, tremor nas mãos ou tremedeira em todo o corpo, entre outros (Vieira, 2010).

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa fundamentou-se em leituras de textos científicos que abordam a temática timidez, as habilidades sociais como classes de comportamentos que contribuem para a competência social, além de outras concepções importantes para a discussão em voga.

Para tanto, são apresentados alguns relatos de experiências de duas discentes, que se consideram tímidas, de modo a compreender o impacto da timidez no contexto escolar e refletir sobre dispositivos pedagógicos utilizados por educadores para auxiliar os alunos a lidar melhor com a timidez.

As narrativas autobiográficas, enquanto metodologia de pesquisa, fundamentaram reflexões com Abrahão (2011), que as entende como uma forma de ir além da coleta de dados, considerando as subjetividades dos sujeitos da pesquisa. Nesse viés, trabalhar com narrativas rompe com uma tradição positivista nas ciências humanas, que perpassa um dado objetivo para considerar a totalidade dos sujeitos e seus contextos de vida.

A escolha dos relatos se justifica, principalmente, pela reflexão das autoras sobre suas experiências pessoais, e sobre possibilidades de futuras atitudes e práticas em suas atuações profissionais enquanto educadoras. De acordo com Nóvoa (2000), o eu pessoal do professor está diretamente relacionado com o profissional, não sendo possível fazer uma separação entre ambos. Assim afirma o autor:

Aqui estamos nós. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam com a maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal (NÓVOA, 2000, p. 17).

No decorrer do trabalho buscou-se conciliar as experiências pessoais com as dimensões profissionais, através das vivências relatadas e das análises e reflexões teóricas sobre a temática abordada.

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: EXPERIÊNCIAS COMO ALUNAS TÍMIDAS

As autoras desta escrita concordam com as ideias de Benjamin (1994), quando o autor defende que, ao escrever narrativas, os sujeitos devem ter a liberdade de contar suas histórias de vida da forma que considerarem mais adequada. Nesse sentido, as memórias são ressignificadas ao relatar o que foi vivido, mantendo suas forças, mesmo após ter passado certo tempo de sua ocorrência. Tendo em vista o exposto, a seguir são apresentados os relatos das vivências, experiências, emoções e comportamentos relativos às memórias e histórias das autoras deste artigo como meninas tímidas.

Coisas simples, tais como falar com outras pessoas, expor opiniões sobre determinado assunto ou interagir com outras crianças, sempre foi um problema para estas autoras, pois sempre tiveram muita dificuldade para se expressar em

público, se comunicarem com outras pessoas, principalmente aquelas com as quais não tinham um vínculo, ou mesmo alguma proximidade, pois existia a insegurança ao falar quando os outros as observavam. Durante toda sua trajetória, tanto social quanto escolar, sempre ouviam “rótulos” de pessoas ao redor as caracterizando como pessoas tímidas.

As autoras não se recordam quando o medo e a insegurança para suas expressões começaram. Antes de ingressarem na escola, o contato com os familiares sempre foi próximo. Porém, sua estabilidade mudava quando recebiam alguma visita diferente em casa. Elas não se sentiam à vontade na presença de estranhos ou mesmo daqueles com os quais não conviviam em suas casas.

Com isso, não tinham controle de suas ações, porque não sabiam como agir ou mesmo o que falar nas conversas. Entretanto, existiam vários pensamentos não verbalizados, ou mesmo manifestos, pois estavam sempre quietas, silenciadas pelos seus temores.

Nas próximas subseções, encontram-se os relatos individuais das autoras.

AUTORA 1

A autora 1 lembra que, em casa, sempre foi uma menina muito quieta. Não era de conversar nem de interagir com os outros. Sua família sempre te incentivava, desde nova, a cumprimentar as visitas, conversar com os colegas, o que não era muito bom, porque se sentia pressionada. Como uma criança tímida, evitava ao máximo as situações de contatos sociais.

Nas escolas onde estudou, também ficava sempre quieta em sua carteira, pouco conversava, os professores a consideravam uma “boa aluna”, pois tinha um desempenho satisfatório e não “atrapalhava” as aulas. Ela tinha vontade de interagir com os outros, de participar mais das aulas, responder às perguntas orais da professora, mas a timidez acabava falando mais alto e sempre “guardava sua voz”.

Na época do ensino básico, não se recorda de nenhum educador que tenha tido um olhar mais sensível para perceber essa sua dificuldade de interação social, assim como de outros alunos também, pois ela não era a única aluna tímida da sala.

No entanto, no 4º e 5º ano do ensino fundamental, teve uma educadora que gostava muito de realizar apresentações artísticas com a turma, como coreografias ou peças teatrais. Ela incentivava a participação de todos, inclusive os mais quietos. Eram momentos agradáveis para todos, porque a professora sabia a dificuldade que cada um tinha para se apresentar. Por isso, mostrava-se empática, sensível, afetiva e passava confiança a todos para que eles se sentissem seguros na apresentação. Essa educadora conseguiu, por meio de suas práticas educativas, oferecer expressões artísticas para que os alunos se sentissem assim. Até mesmo os mais tímidos viviam momentos gratificantes e felizes em detrimento das sofridas vivências de isolamento e silêncio.

Hoje, como pedagoga, esta autora compreende que a referida professora trabalhava com práticas pedagógicas que não se limitavam apenas à transmissão de conteúdos. Ela se importava, sobretudo, com o desenvolvimento social e emotivo dos alunos.

Um aspecto importante a ser destacado sobre a timidez de uma criança é, muitas vezes, a vergonha de ser tímida, pois essa sensação a faz acreditar que

todas as suas reações fisiológicas decorrentes da timidez são percebidas também por quem está diante de si. É justamente essa percepção pessoal que imobiliza ainda mais quem se reconhece como tímida.

Com base na boa interação com as experiências da professora citada, esta autora concorda com Eisner (2002, p. 81), que defende: “As pessoas estão acreditando cada vez mais que uma boa educação significa bem mais do que simplesmente aprender a ler, escrever e trabalhar com computadores”. Portanto, a educação é ampla e está presente em diversos ambientes, não só o escolar, abrangendo diversos aspectos físicos, psicológicos, cognitivos, afetivos e sociais.

Eisner (2002, p. 82) ainda destaca: “É a arte que encoraja a criança a colocar sua visão pessoal e sua assinatura em seus trabalhos”. A experiência desta autora comprova essa afirmação, visto que foi por meio de apresentações artísticas com essa educadora que os alunos, até mesmo os mais tímidos, tiveram a coragem de expressar as suas visões, percepções e formas de ser, além de viver a experiência de exposição em público por meio dos trabalhos realizados. A arte, de acordo com Eisner (2002), tem esse poder, como se fosse uma “mágica” de propiciar o encorajamento para a criança que se vê como tímida.

Esses momentos com a educadora contribuíram para que esta autora lidasse melhor com sua timidez. A influência da educadora foi fundamental, pois sua postura afetiva, empática e atenciosa com a turma construiu um ambiente respeitoso, de modo a gerar confiança, coragem e segurança para enfrentar sua timidez, assim como a de outros colegas da turma.

Dessa forma, Cunha (2022) destaca em sua pesquisa que não há como padronizar determinadas práticas pedagógicas como eficazes para lidar com a timidez de todos os alunos, pois trata-se de um processo singular, de modo que cada sujeito concebe o seu processo de timidez de uma forma. No entanto, existem alternativas metodológicas, tal como a desta narrativa, que os professores podem utilizar como possibilidades para auxiliar nesta questão.

AUTORA 2

Ao iniciar na escola, esta autora se alegrava com o fato de conhecer pessoas novas, além de aprender a ler e escrever. No entanto, a timidez a fazia sentir insegura, não conseguia agir naturalmente, sempre parecia ter um “bloqueio” que a “travava” e, na maioria das vezes, ficava em silêncio nos grupos. Durante o Ensino Fundamental, continuava não interagindo com seus colegas e professores.

A timidez na infância é um fenômeno considerado como um aspecto pessoal, tendo pouca atenção dos familiares e professores e, por isso, costuma ser internalizada pela criança. Davis e Oliveira (2010, p. 57), com base nos estudos de Vygotsky, esclarecem que a internalização é “[...] um processo ativo no qual a criança apropria-se do social de uma forma particular”. Os autores destacam a relevância da atuação dos outros membros de um grupo social na mediação entre a cultura e a criança e na promoção dos processos interpsicológicos, que serão posteriormente internalizados.

Esse percurso do desenvolvimento humano se dá “de fora para dentro”. Primeiro a criança realiza ações externas, que serão interpretadas pelas pessoas ao seu redor, de acordo com os significados culturalmente estabelecidos. A partir dessa interpretação, será possível para a criança atribuir significados às suas

próprias ações e desenvolver processos psicológicos internos, que podem ser interpretados por ela própria, a partir de mecanismos estabelecidos pelo grupo cultural e compreendidos por meio dos códigos compartilhados pelos membros desse grupo (OLIVEIRA, 1997).

Vygotsky ensina que uma criança não tem instrumentos endógenos para percorrer, sozinha, o caminho do seu desenvolvimento, ou seja, os diferentes ambientes sociais das crianças, incluindo o doméstico e o escolar de cada uma delas, que promovem aprendizagens diversas que passam a ativar processos de desenvolvimento também diversos. Assim, a aprendizagem precede o desenvolvimento, como defende o autor (DAVIS; OLIVEIRA, 2010).

No caso da timidez e da inabilidade social decorrente dela, destaca-se que, comumente, não se configura como um problema ou mesmo uma questão a ser trabalhada com as crianças, porque não costumam ser identificadas de início, com a chegada da criança na escola, na medida em que não altera ou perturba o ambiente (CABALLO; SIMÓN, 2015 *apud* OLIVEIRA; SANTOS, 2018).

Apesar da timidez, esta autora lembra que, em uma aula, a professora fez uma pergunta para a turma e, muito empolgada, decidiu respondê-la. Entretanto, quando levantou sua mão, a educadora pediu que ela não respondesse, pois, como já sabia que a aluna saberia a resposta, era mais viável que os outros colegas a respondesse. A princípio, esta autora ficou envergonhada, porque achava que a pergunta era para todos e, além disso, acreditava que, para a professora, era melhor continuar sendo a aluna que sempre tirava boas notas, que não tinha dúvidas, sempre comportada e que não causava “problemas”.

Quando esta autora tinha dúvidas sobre algum conteúdo ensinado, estudava em casa e sozinha chegava à resposta. E, para os seus colegas, ela era só a estranha, que estudava demais, sabia tudo e era inconveniente por entregar o dever de casa, quando mais ninguém havia feito. Também ficavam chateados quando a professora a usava como exemplo, o que a afastava ainda mais deles. Silvaes (2000, p. 23) identifica

[...] a timidez como um comportamento social retraído e passivo, que está possivelmente associado à inatividade, apatia, indecisão, insegurança, submissão, indiferença, lentidão, ansiedade, medo, pensamentos negativos, baixa autoestima, julgamento negativo de si mesmo, dentre outros comportamentos.

Diante dessas situações, se a timidez já se fazia presente, ficou ainda pior, pois esta autora sempre teve receio em se expressar e fazer ou falar algo errado. Sentia insegurança para se expressar e, nos intervalos das aulas, sempre ficava sozinha. Assim, fez dos livros e da escrita seus melhores amigos. Nesses horários lia algum livro ou escrevia em seu diário.

Foi assim durante um período, mas, após conhecer a orientadora pedagógica da escola, tudo mudou. Ela era negra e tinha uma representatividade para esta autora, pois na escola não havia tantas professoras negras. Portanto, ela era uma inspiração para esta menina negra, que se encantou pela docência desde a infância, quando brincava de “aulinha” com seus primos.

Além de lecionar a disciplina de história, a orientadora realizava alguns projetos, como apresentações em datas comemorativas, criando grupos de dança e teatro, sugerindo sua participação em ambos. No começo, foi resistente, não queria, mas depois de algumas conversas com a orientadora pedagógica e de

frequentar os ensaios – de início, só para observar –, começou a gostar e participar. A interação nos grupos de dança e teatro com os colegas a ajudaram a lidar melhor com a timidez. Nos ensaios se sentia “livre” para se expressar, falar, cantar, dançar, atuar, brincar, coisas simples, que não fazia em nenhum outro momento no contexto escolar. Além disso, conseguiu mais aproximação com os colegas da sua classe e até de outras.

Dolci (2004) destaca que a arte cênica amplia ao educando sua capacidade de pensar, criar e recriar sua própria vivência, sempre partindo de dados concretos e inscritos num contexto contemporâneo e social. Ao inserir o teatro no meio escolar, é possível oportunizar aos alunos o desenvolvimento de suas capacidades e habilidades sociais, trabalhando o aluno como uma pessoa inteira, com sua afetividade, percepção, expressão, criatividade e sensibilidade, favorecendo, assim, a ampliação de seus referenciais de mundo.

Aos poucos, portanto, esta autora foi deixando de ser “a estranha” e passou a pertencer a alguns grupos, como o de linguagens artísticas nas apresentações. Hoje ela consegue entender que, mais do que a interação, aquela orientadora conseguiu a notar, percebeu sua dificuldade de comunicação e a ajudou a lidar melhor com a timidez.

Com isso, quando mudou de escola rumo ao Ensino Médio, foi uma experiência mais prazerosa tanto na construção do conhecimento quanto na interação com os outros. Esta autora atribui essa conquista àquela orientadora pedagógica, que teve um olhar sensível e observação atenta aos sujeitos em sua sala de aula, pois, mais do que ensinar conteúdos, reconheceu a singularidade de cada um e trabalhou como podia, de modo a atuar em cada realidade presente no contexto escolar.

Pensar a educação como um processo criativo e reflexivo de permanente inovação de si, mesmo no diálogo com os outros, implica promover o desenvolvimento de cada criança, em todas as suas dimensões, para que ela seja cada vez mais valorizada, como agente de sua história e estimulada na construção do próprio conhecimento (Dolci, 2004).

RESULTADOS E DISCUSSÃO: A ARTE COMO UM CAMINHO PARA LIDAR COM A TIMIDEZ

Os sujeitos considerados tímidos demonstram traços da timidez quando têm que se expor a algum contato social. Tais pessoas têm medo do que poderá acontecer nesse momento, principalmente quando se tratam de pessoas desconhecidas.

A timidez, apesar de gerar incômodos nos indivíduos que têm esse traço na personalidade, não é considerada uma doença e nem uma deficiência, mas, sim, uma característica da personalidade humana, como mencionado. Dessa maneira, os próprios sujeitos vão aprendendo, aos poucos, formas de lidar melhor com suas experiências e com contatos interpessoais interativos, sendo que o meio social em que ele convive pode colaborar mais ou não nesse processo de interação social. Em processos interativos em que o outro tenha mais competências sociais e seja empático, pode vir a contribuir para que o sujeito se sinta seguro, confiante e tenha coragem de enfrentar as dificuldades impostas por sua timidez em situações de interação social.

Para Del Prette e Del Prette, as habilidades e competências sociais variam de acordo com o contexto cultural. Os pesquisadores ressaltam que “[...] alguns comportamentos podem contribuir para a competência social em um contexto situacional ou cultural, mas não em outro, em função de valores e regras próprios de determinada cultura ou subcultura” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2008, p. 518).

Assim, deve-se atentar que o que pode ser socialmente agradável em nosso meio cultural pode não ser em outro, visto que fazemos parte de uma cultura específica que interfere significativamente em nossas formas de ser, agir, se comportar e interagir socialmente.

Nossa constituição, enquanto um ser social, sofre influências sobre o que o outro faz/diz, sejam elas negativas ou positivas. Uma criança tímida, no convívio com familiares, educadores ou amigos, que a intimidam de certa forma, tende a se sentir insegura e sem confiança para arriscar-se publicamente e interagir mais, ocasionando, assim, manifestações mais intensas e presentes da timidez. No entanto, em situações em que há uma melhor interação, um olhar mais sensível e empático pelo outro, a criança sente menos medo para interagir.

Nas narrativas autobiográficas expostas neste artigo, um dos dispositivos pedagógicos que se mostrou essencial no trabalho com alunos tímidos foi a utilização da arte no contexto escolar, especificamente o teatro. De acordo com Oliveira e Stoltz (2010, p. 85), “Dentre as modalidades artísticas, o teatro é particularmente interessante quanto às possibilidades de interação, internalização da cultura, uso da palavra e expressão afetiva”.

O teatro, por sua especificidade interativa com o outro, promove um meio propício para o desenvolvimento de habilidades sociais dos sujeitos tímidos, fazendo com que a timidez seja melhor administrada. Nas dramatizações, aos poucos, as crianças tornam-se protagonistas das cenas interpretadas, que comumente as levam a dominar técnicas de expressão do corpo e da voz, de modo a representar os mais diversos personagens e transmitir histórias, ideias, sentimentos e emoções. Esta arte ajuda o intérprete a se sentir mais confiante, aberto ao novo e ao diferente, como também criar um vínculo com o personagem a ser interpretado, além de trabalhar a própria criatividade para ajudar em momentos de improviso. Os jogos teatrais ajudam a criança/artista a descobrir seu potencial humano e artístico, estimula as relações interpessoais e o poder de iniciativa, levando-a a sentir-se mais segura para atuar em público e realizar as apresentações.

A arte dramática, apesar de ser ainda pouco valorizada no ambiente escolar, principalmente em escolas públicas, onde faltam recursos materiais e humanos adequados para a realização dos trabalhos, mostra-se como promotora de sujeitos mais seguros de si e de suas habilidades, além de também possibilitar amizades e desenvolvimento dos lados pessoais extrovertidos e espontâneos de cada um.

Apoiadas em Vygotsky (2001), Oliveira e Stoltz (2010) afirmam que a arte é uma necessidade do ser humano. A arte se mostra como essencial para as expressões estéticas dos sujeitos, auxiliando nas expressões das emoções internas do organismo, pois, através das experiências artísticas, os sujeitos podem “colocar para fora” o que está por dentro.

Nas narrativas expostas, enquanto meninas/alunas, as autoras deste artigo tiveram a oportunidade de ter esse contato com a arte, o que se mostrou bem

eficaz para uma melhor administração da timidez e, conseqüentemente, para o aprimoramento de nossos desenvolvimentos sociais. Esse contato só foi possível pelas práticas pedagógicas das duas educadoras que fizeram parte das nossas trajetórias. Elas tiveram olhares sensíveis, buscando em seus trabalhos uma forma de integrar todos os alunos, sem excluir nenhum deles por determinada característica ou não.

Todavia, nas escolas, não é comum encontrar educadores com essa sensibilidade e com um olhar afetivo. Como afirma Mello (2017, p. 20):

[...] viver na escola é existir enquanto humano no meio de humanos que falam, que amam, que escutam, que todos os dias recriam a vida em sua diversidade de possibilidades. Sabemos que na escola diariamente práticas de surdez tentam silenciar essas vozes. Mas existe o amor.

Hoje ainda há práticas pedagógicas autoritárias e tradicionais, centradas no professor como o único detentor de conhecimentos e que tem direito à fala em qualquer momento da aula. Muitas vozes de alunos são silenciadas, como diz Mello (2017). Quando se trata de pessoas tímidas, o processo é ainda mais complexo, pois as crianças já têm dificuldade nos contatos sociais. Quando o meio ainda é intimidador e autoritário, como nas escolas, torna-se muito mais complexo para lidar com a timidez, pois como uma forma de se “proteger” de uma situação constrangedora, os tímidos evitam as interações. Enquanto meninas/alunas tímidas, vivenciamos experiências escolares bastante autoritárias.

Entretanto, existe o amor, tal como Mello (2017) bem destaca em seu livro; o amor pode colaborar muito na interação social, principalmente em sala de aula. Educadores que tenham amor pela sua profissão, que demonstrem esse amor aos seus alunos nas aulas, com olhares mais afetivos, empáticos, sensíveis, assim como as educadoras citadas nos relatos, contribuem para que os alunos se sintam mais confiantes, mais participativos para se manifestarem nas aulas, o que torna a aprendizagem mais prazerosa e eficaz para todos os envolvidos no processo educativo.

SENSIBILIDADE E AFETIVIDADE: CONSTRUÇÕES SINGULARES DOS SUJEITOS

São diversas as características, os comportamentos e as percepções dos sujeitos em suas relações, nos diferentes contextos. Para uma pessoa considerada tímida em suas interações o simples ato de se expressar torna-se uma dificuldade, ora por insegurança, ora por medo da reação e observação do outro, em ser o “centro” das atenções naquele momento.

Segundo Del Prette e Del Prette (BOLSONI-SILVA, 2002), apesar da comum confusão, o termo competência social não é o mesmo que habilidades sociais, visto que o primeiro se refere não diretamente aos comportamentos, e sim ao nível qualitativo de habilidades sociais que os sujeitos possuem.

Nesse sentido, é visível que as pessoas tímidas possuem um nível baixo de competência social, pois possuem dificuldades nas interações sociais, o que traz conseqüências negativas em seus processos interativos.

No cotidiano, especialmente na escola, as crianças consideradas tímidas, muitas vezes são vistas como exemplares, pois costumam ser quietas. Logo, não

existe indagação e aprofundamento para saber mais sobre suas impressões e o que sente em relação às situações que participa, de forma direta ou indireta. Por exemplo, ao fazer um trabalho em grupo ou o professor propor uma roda de conversa, não terá a obrigação da palavra, mas seria uma oportunidade de estimular a criança tímida a interagir mais, se o educador, em sua atuação, percebesse essa dificuldade.

Para Mahoney e Almeida (2005), quando o professor promove nos alunos a integração dos conceitos afetivos no processo de ensino-aprendizagem, desenvolve nesses sujeitos a confiança, transferindo essa integração para o seu meio social. Oliveira e Santos (2018) ressaltam que o ambiente escolar é um local essencial para a obtenção de habilidades sociais, onde, pais e professores necessitam ser cautelosos ao repertório das crianças, colaborando para o sucesso de sua socialização.

Segundo Wallon (1978), a emoção tem o efeito de provocar identidade de reações e comunhão de sensibilidade entre todos. A dimensão afetiva, de fundamental importância, seja do ponto de vista da construção da pessoa, como do ponto de vista do conhecimento, é, portanto, marcante para o desenvolvimento da humanidade que se manifesta e como estabelece sua relação com o outro.

No processo educativo mostra-se como fundamental uma relação afetiva entre o educador e as crianças, de modo a promover aprendizagens e interações permeadas por sentimentos e oportunidades para que todos possam se expressar.

Portanto, defende-se, nesta pesquisa, a importância de uma atenção e um olhar mais sensível para a timidez e suas expressões, com dispositivos pedagógicos alicerçados por outras maneiras de ensinar e aprender para além dos conteúdos. Destaca-se, também, a importância de não separar o cognitivo do afetivo; todavia, trabalhar a sensibilidade e a afetividade na relação docente/discente, de maneira a favorecer autonomia e confiança nas capacidades e decisões das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões e experiências pessoais expostas sobre a timidez e seus impactos no processo educativo, evidenciam-se incômodos e angústias em crianças e seus processos de ensino/aprendizagem.

Importante destacar a escola, enquanto espaço formativo, que vai além de um local de construções de conhecimentos científicos, de modo a ser, efetivamente, um espaço de liberdade, de expressões de sentimentos, concepções e de respeito às diferenças. Afinal, a educação é, antes de tudo, uma prática social, pois exige a troca, a interação e o diálogo com todos os envolvidos nos processos pedagógicos.

Os relatos autobiográficos mostraram formas pessoais para lidar com a timidez, de modo a amenizar os impactos negativos que ela pode ocasionar. Todavia, o ambiente escolar mostra-se como fundamental na promoção do acolhimento, respeito, confiança e segurança para buscar meios de lidar com a timidez.

O educador, por sua vez, está mais próximo das crianças e sua atuação/mediação é essencial nesse processo. Um olhar sensível e afetivo pode

contribuir para que a timidez seja melhor administrada pelos discentes. Portanto, como foi discutido ao longo deste estudo, a timidez pode ser prejudicial se não for bem administrada pelos sujeitos. E a escola, enquanto um ambiente de socialização, tem grande capacidade de contribuir para o desenvolvimento social dos discentes. Assim, faz-se fundamental que a timidez não seja menosprezada ou produzida como ausência, mas, sim, que seja melhor estudada no âmbito educacional, a fim de orientar e aprimorar o processo educativo.

Pela importância do tema, e dos escassos estudos sobre a timidez na área da educação, seria fundamental ter um aprimoramento das discussões em outros estudos, a fim de contribuir com os desdobramentos da temática em novas práticas educativas nas escolas e na vida cotidiana, como forma de amenizar o sofrimento dos sujeitos tímidos para que tenham uma vida relacional mais livre e feliz.

The silence that speaks: impacts of shyness on the educational process

ABSTRACT

The work aims to reflect on shyness as a personality characteristic and its impacts on the educational process. Based on the research of the Course Conclusion Work (TCC) of Cunha (2022), it presents reports of personal experiences of two pedagogues, who consider themselves shy, with narratives and perceptions about school life, interactive processes of affective development and learning and stigmas instituted in the classroom and in daily life with their peers and teachers. It is sought, with the autobiographical and biographical methodological perspective, to analyze practices and facilitate pedagogies in the educational and recreational activities of the school. Results indicate methodologies and contributions in the interactive subjective processes with shy students in the school mediated by teachers. It highlights, however, the impossibility in the standardization of practices/methodologies as effective to use with students/children.

KEYWORDS: Shyness. Educational Process. Interactive practices/methodologies.

El silencio que habla: impactos de la timidez en el proceso educativo

RESUMEN

El trabajo pretende reflexionar sobre la timidez como característica de la personalidad y sus impactos en el proceso educativo. Basado en la investigación del Trabajo de Conclusión del Curso (TCC) de Cunha (2022), presenta relatos de experiencias personales de dos pedagogos, que se consideran tímidos, con narrativas y percepciones sobre la vida escolar, procesos interactivos de desarrollo afectivo y aprendizaje y estigmas instituidos en el aula y en la vida cotidiana con sus compañeros y maestros. Se busca, con la perspectiva metodológica autobiográfica y biográfica, analizar prácticas y facilitar pedagogías en las actividades educativas y recreativas de la escuela. Los resultados indican metodologías y contribuciones en los procesos subjetivos interactivos con estudiantes tímidos en la escuela mediados por profesores. Destaca, sin embargo, la imposibilidad en la estandarización de prácticas/metodologías tan efectivas para usar con estudiantes/niños.

PALABRAS CLAVE: Timidez. Proceso educativo. Prácticas/metodologías interactivas.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio/ago. 2011.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. 7. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Ensaio sobre Literatura e História da Cultura: obras Escolhidas, v. 1).
- BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini. Habilidades sociais: breve análise da teoria e da prática à luz da análise do comportamento. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 233-242, 2002.
- CUNHA, Mayara Marmelo da. **Experiências Pessoais e Profissionais com a Timidez**: reflexões para a formação docente. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.
- DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Psicologia na Educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. **Paidéia**, [S.l.], v. 18, n. 41, p. 517-530, 2008.
- DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 233-255, 1996.
- DOLCI, Luciana Netto. Teatro na educação: Desenvolvendo no aluno a capacidade de integração nos grupos sociais. **Diálogos educativos**, [S.l.], n. 8, p. 6-14, 2004.
- EISNER, Elliot. Estrutura e mágica no ensino da arte. *In*: BARBOSA, Ana Mae Tavares (org.). **Arte-educação**: leitura no subsolo. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 79-94.
- MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da Educação**, [S.l.], n. 20, p. 1-18, 2005.
- MELLO, Marisol Barenco de. O Amor em Tempos de Escola: Bakhtin, linguagem, educação e ética. *In*: MELLO, Marisol Barenco de. **O Amor em Tempos de Escola**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p. 13-22.
- MORENO, Maria Carmem, CUBERO, Rosário. Relações Sociais nos Anos Pré-escolares: Família, Escola, Colegas. *In*: COLL, César; PALACIUS, Jesús; MARCHESI, Alvaro (orgs). Tradução Francisco Franke Settineri e Marcos A. G. Domingues. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**: Psicologia Evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995. p. 190-202.

NÓVOA, Antonio. Os professores e as histórias de vida. *In*: NÓVOA, Antonio (org.). **Vida de Professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

OLIVEIRA, Maria Eunice de; STOLTZ, Tania. Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky. **Educar**, Curitiba, n. 36, p. 77-93, 2010.

OLIVEIRA, Maria Rosa de; SANTOS, Wenner Daniele Venâncio dos. Timidez Infantil no contexto familiar e escolar: suas consequências. **Psicologia - O Portal dos Psicólogos**, 2018.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH Editora Ltda., 2013.

SILVARES, E. F. M. **Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil**. Campinas: Ed. Papyrus, 2000.

VIEIRA, Mariana Batista. **Timidez e exclusão - inclusão escolar**: um estudo sobre identidade. 2010. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

WALLON, Henri. **Do acto ao pensamento**. Lisboa: Moraes Editores, 1978.

Recebido: 31 jul. 2023

Aprovado: 11 agosto 2023

DOI: 10.3895/rtr.v8n0.17636

Como Citar: CUNHA, M. M.; SCHINDHELM, V. G.; MACHADO, L. G. O silêncio que fala: impactos da timidez no processo educativo. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 8, e17363, p. 1-16, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Mayara Marmelo da Cunha
mayaracunha@id.uff.br

Direito Autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

